



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante visita ao Banco do Brasil

Brasília - DF, 16 de agosto de 2006

Meu caro Rossano, presidente do Banco do Brasil,

Meu caro companheiro Paulo Bernardes, ministro do Planejamento, e bancário do Banco do Brasil,

Minha querida companheira Marisa,

Senhor vice-presidente do Banco do Brasil,

Funcionários e funcionárias do Banco do Brasil,

Meus amigos e amigas participantes do IV Fórum de Gestão de Pessoas e Responsabilidade Socioambiental,

Meus amigos e minhas amigas,

Rossano, na verdade, eu não esperava que fosse ter uma mesa e que nós fôssemos falar alguma coisa. Mas eu penso que a minha visita aqui hoje, eu já fui à Caixa Econômica Federal e pretendo visitar outras empresas públicas brasileiras, primeiro porque não é hábito dos presidentes da República visitarem as instituições. Não há o hábito cultural dos presidentes visitarem porque, muitas vezes, as pessoas pensam que isso não tem importância. E eu vim ao Banco do Brasil um dia depois do anúncio de que o Banco teve um lucro muito importante para a sua história. Possivelmente, Rossano, algumas pessoas possam estar dizendo: “mas não é possível o Banco do Brasil ter lucro, o Banco do Brasil não foi feito para isso”. Essas mesmas pessoas deveriam ter dito, em outros momentos da história do Banco do Brasil, que o Banco do Brasil também não deveria ter prejuízo, e não foram poucas as vezes que as manchetes da imprensa, sobretudo na época da sanha das



privatizações, publicavam manchetes em letras garrafais, falando dos prejuízos do Banco do Brasil. Isso, na perspectiva de dizer: “olha, o Banco do Brasil, não interessa se ele é um banco público, temos que privatizá-lo definitivamente, porque ele dá prejuízo”.

É com muito orgulho que eu recebo a notícia de que o Banco do Brasil está tendo lucros, todo ano, nos últimos anos. O que é mais importante é que essa é uma mudança importante, porque as pessoas vão tendo consciência de que o Banco do Brasil estará muito mais forte para fazer políticas sociais, quanto mais dinheiro ganhar. Está provado, também, que o Banco do Brasil não precisa emprestar muito dinheiro para poucos para ganhar. Ele pode emprestar pouco dinheiro para muitos e o resultado disso significa um ganho extraordinário para o Banco do Brasil.

Eu estava vendo esse filme que o nosso companheiro do Banco do Brasil passou, o Luís Osvaldo, e eu me lembro de duas coisas que aconteceram comigo e com o Banco do Brasil. Em 2003, quando nós anunciamos o Pronaf, no mês de agosto me ligou um presidente da CUT, que então era o Luiz Marinho, dizendo: “Presidente, tem um problema no Pronaf, porque no estudo comparativo que nós fizemos na área rural, até agora, no mesmo período foi liberado menos dinheiro no seu governo do que no governo passado, em outros anos”. Eu, então, liguei para o presidente do Banco do Brasil da época e falei: olha, eu queria saber o que está acontecendo, porque nós dobramos o dinheiro disponibilizado e o dinheiro não está chegando. Ele me disse que tinha havido um erro nas máquinas do Banco do Brasil, nos computadores, no sistema, essa coisa com que tanto vocês sabem lidar, e que também tinha o problema que em muitas cidades pequenas, sobretudo de outros estados que não o Sul do País, os bancos não estavam mais preparados para cuidar das pessoas que pegavam pequenos empréstimos, 1,5 mil, dois mil, mil reais. Eu disse para ele: não é possível, nós colocamos dinheiro disponibilizado, nós queremos nacionalizar o Pronaf, que não pode ser



uma coisa do Sul e do Sudeste, porque o Pronaf, quem cuida disso no banco sabe, quando se anunciava uma quantia em dinheiro, os dois estados do Sul, Rio Grande do Sul e Santa Catarina, por estarem mais organizados em cooperativas, pegavam 80% do dinheiro. O dinheiro chegava um pouquinho no Paraná, um pouquinho em São Paulo e daí para frente não tinha mais Pronaf.

Bem, eu sei que as coisas foram consertadas, e vou dar o exemplo porque foram consertadas. Num tempo desses, há pouco menos de 20 dias, eu estava numa região do País, falando de agricultura familiar, e um trabalhador falou assim para mim: “Presidente, eu queria lhe dizer uma coisa, o Banco do Brasil agora recebe gente de sandália como eu e eles me mandam sentar numa cadeira para ser atendido”. Para quem mora em Brasília, para quem mora em São Paulo, Rio de Janeiro, isso parece pouco, mas para milhões de brasileiros que estavam habituados a passar na porta do banco e não saber se podia entrar ou não, se ele seria bem recebido ou não, é um valor para ele entrar num banco, é uma revolução cultural na cabeça dele, além de uma revolução financeira, porque ele vai conseguir o empréstimo dele.

Então, veja, dois momentos em que eu fico sabendo que em alguns lugares o pessoal não estava mais preparado para atender o pobre, e um outro momento em que um pobre me diz que passou a ser atendido como cidadão de primeira categoria no Brasil. Se não bastasse isso, se você não sabe, a Caixa Econômica Federal, sabe, o BNDES sabe, o BNB e o BASA sabe, eu só os chamo para reunião para perguntar se as coisas podem melhorar. Em todos esses anos que convivemos, eu nunca pedi a nenhum deles que colocasse um faxineiro, um ascensorista ou um assessor. Eu os chamo para discutir: é possível baixar um pouco mais a taxa de juros? É possível facilitar o crédito para as pessoas terem acesso? É possível a gente fazer com que mais gente tenha acesso ao sistema bancário? Porque a inclusão bancária é um valor incomensurável que a gente, que já nasce com uma continha em banco, não



tem dimensão. Mas uma pessoa que entra pela primeira vez e abre uma conta, é uma conquista que muitas vezes nós não damos valor.

O Banco do Brasil, entre o microcrédito, o Pronaf e crédito consignado, disponibilizar 25 bilhões de reais, não é pouca coisa. O Banco do Brasil ter a aderência de mais 920 mil correntistas, isso explica porque muita gente ficou perplexa quando os números começaram a aparecer. E as pessoas estão tendo acesso a coisas que antes não tinham. Eu me lembro que um dia desses, conversando com uma pessoa no Ceará, do BNB, ele me disse: “Presidente, esse negócio das estatísticas que vocês usam, o povo está sentindo na pele que as coisas estão melhorando, que está tendo acesso, está conseguindo chegar a um banco público e ser atendido, ele está conseguindo levar o dinheiro e fazer aquilo que ele pretende fazer”.

Eu venho aqui, Rossano, para dizer para vocês o seguinte: primeiro, ninguém mais chamou vocês de marajás, nunca mais você ouviu ninguém do governo descarregar em funcionários do Banco do Brasil, o discurso de que eles ganham bem, porque nós aprendemos que bons funcionários precisam ser bem pagos porque é preciso que se tenha bom retorno para o País; segundo, nós aprendemos que estamos num mundo em que a competição é uma das possibilidades da nossa sobrevivência. Uma competição em que, de um lado fazemos a competição tal como o mercado exige que a façamos, mas de outro lado, o Banco do Brasil não perdeu a sensibilidade de que com um pouco desse ganho que fazemos na disputa do mercado nós temos que fazer algo diferenciado para justificar os quase 200 anos de existência do Banco do Brasil.

Quero dizer para vocês, que se depender da minha vontade, enquanto eu for vivo, eu quero ver todo ano notícia de que o Banco do Brasil ganhou um pouquinho de dinheiro a mais. Triste será o dia em que uma manchete sair: “Banco do Brasil teve prejuízo e o Tesouro vai ter que aportar dinheiro para salvar o Banco do Brasil”, como aconteceu muitas vezes.



Então, eu quero que vocês saibam que eu estou aqui, estou feliz, como presidente da República Federativa do Brasil, e estou aqui como cliente do Banco do Brasil. Estou aqui para dizer para vocês: este Banco foi, é, e por muito tempo, se continuar com a política correta, será motivo de orgulho para o povo brasileiro. E, muito mais importante do que isso: quanto mais vocês acertarem, mais o Banco do Brasil será referência para o funcionamento do Sistema Financeiro brasileiro.

Deus queira que por muito tempo o Banco do Brasil continue sendo a referência que o Sistema Financeiro precisa para fazer política de financiamento, política de captação e, sobretudo, um pouquinho de política social, que é o que dá mais resultado.

Meus parabéns e muito obrigado a todos vocês.